

“Uma nova mitologia”

George Steiner*

Com Ibsen, a história do teatro começa de novo. Isto basta para fazer dele o mais importante dramaturgo desde Shakespeare e Racine. [...] Em *Rosmersholm*, *A Dama do Mar* e *Hedda Gabler*, Ibsen realizou algo que todos os grandes dramaturgos tinham tentado após o século XVII, e que nem mesmo Goethe e Wagner lograram alcançar por completo: criou uma nova mitologia e as convenções teatrais para a expressar. Nisto reside o principal triunfo do génio de Ibsen, o que até ao momento não foi ainda inteiramente compreendido.

Como já vimos, o declínio da tragédia está indissociavelmente ligado ao declínio da cosmovisão orgânica e do contexto de referências mitológicas, simbólicas e rituais que lhe subjaz. Este contexto, no qual se fundara o teatro grego, fora ainda capaz de cativar a imaginação dos isabelinos, mas uma tal visão ordenada e estilizada da vida, com a sua propensão para a alegoria e a acção emblemática, estava já em declínio na época de Racine. Contudo, por meio de uma diligente observância das convenções do neoclassicismo, Racine pôde conferir à velha mitologia, entretanto desacreditada, a vitalidade de uma forma viva. Tratou-se de uma brilhante acção de retaguarda. Depois de Racine, porém, deixaram de prevalecer os velhos modos de consciência e de reconhecimento imediato que davam ao teatro trágico o seu quadro de referência. Assim, Ibsen enfrentou um verdadeiro vazio. Foi-lhe necessário criar um contexto de sentido ideológico (uma mitologia efectiva) para as suas peças, bem como conceber os símbolos e as convenções dramáticas que lhe permitissem comunicar com um público corrompido pelas virtudes fáceis do teatro realista. A posição de Ibsen era a de um autor que, ao inventar uma nova linguagem, se via pois obrigado a ensiná-la aos seus leitores.

* Excerto de “From *The Death of Tragedy*”. In *Ibsen’s Selected Plays*. New York: W.W. Norton & Company, cop. 2004. p. 566-567.
Trad. Rui Pires Cabral.

Publicado em:

A Dama do Mar. [Programa]. Porto: Teatro Nacional São João, 2008.